

*Discurso na cerimônia de
lançamento do Programa de Expansão
da Educação Profissional*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 23 DE MARÇO DE 1998

Senhor Ministro Paulo Renato, da Educação; Senhores Ministros que aqui se encontram; meu amigo Presidente do BID e Cidadão do Nordeste, Enrique Iglesias; Senhores Parlamentares; Senhores Prefeitos; Senhores Sindicalistas, Canindé Pegado, pela CGT; Senhores Educadores; Senhores Conveniados; Senhoras e Senhores,

O Ministro Paulo Renato expôs, de forma direta, os problemas do ensino profissionalizante e os objetivos do Governo na transformação desse sistema de ensino, bem como do conjunto do sistema de ensino brasileiro. Eu creio que, a esta altura dos acontecimentos, não é segredo para ninguém, neste país, que, efetivamente, como disse o Presidente Iglesias, nós estamos promovendo uma revolução na educação no Brasil.

Era muito difícil entender que, para que se pudesse – como continua sendo válido: para que se possa – realmente fundar em sólidas bases uma sociedade democrática e que dê acesso ao mercado de trabalho a todos, o passo fundamental era o de consagrar a maior parte das energias do Ministério da Educação ao ensino básico.

Nós viemos de uma tradição, no Brasil, em que sempre se falou muito da necessidade de acabar com o analfabetismo, de fazer com que o ensino básico avançasse. Mas nós nos preocupávamos, fundamentalmente, com outros níveis de ensino – que, naturalmente, continuam a merecer todo o nosso interesse, mormente no caso nosso, que somos professores de universidade. Mas não se fazia o que se dizia nem o que estava escrito – e ainda está – na Constituição: prazos para terminar com o analfabetismo, prazos para isso, prazos para aquilo, metas.

Agora, não. Agora nós não estamos definindo metas em abstrato: estamos definindo políticas concretas para a transformação objetiva da sociedade brasileira. Os esforços havidos estão começando a ter resultados, como disse, agora, o Ministro Paulo Renato, ao citar dados.

E, ao avançarmos no ensino fundamental – e, agora, no ensino de nível secundário –, isso força o Governo a atuar nos outros níveis de ensino. Os números são impressionantes. Como no Brasil tudo tem muitos zeros, nós nos habituamos a ouvir que houve um crescimento de mais 1 milhão e 600 mil alunos, como se isso fosse uma banalidade. Em três anos!

Hoje, pela manhã, estavam presentes o Ministro Paulo Renato e o Dr. Enrique Iglesias, e estávamos falando sobre educação e outros problemas na América Latina. No Uruguai, há 70 mil alunos universitários. Deu-nos inveja. Pela proporção – que, para lá, é bastante – e pelo número absoluto, aqui nós resolveríamos com muita facilidade: nós temos milhões, sempre. E, no caso do ensino fundamental, são milhões e milhões e milhões de alunos. Devem ser 33 milhões de alunos. No caso do ensino secundário, são alguns milhões.

Então, são soluções que custam, mas não é que custam em dinheiro – dinheiro o Dr. Iglesias resolve –, custam mais do que isso. Custam capacidade de gerenciar, custam objetivo claro e definido, custam capacidade de motivar, custam romper os interesses estabelecidos, custam quebrar com o burocratismo que existe, custam quebrar com uma visão corporativa, que pode perturbar as transformações. Isso nós estamos fazendo. Nós estamos avançando, e eu tenho a convicção de que a

sociedade brasileira continuará sendo uma sociedade na qual a mobilidade social é a marca.

Os dados que o Ministro Paulo Renato mencionou mostram que uma proporção enorme dos que estão no ensino secundário é de filhos de pessoas que tinham o curso primário – mais de 50% –, e, seguramente, os que só têm curso primário são filhos de pessoas analfabetas. São indicadores diretos da mobilidade social.

Um dos meus assessores, Professor Luciano Martins, juntamente com o Dr. José Pastore, que é o grande especialista em questões de mercado de trabalho, eles fizeram um estudo, que ainda não está publicado, para nós avaliarmos o grau de mobilidade social no Brasil.

É sabido, desde décadas anteriores – e sobre isto há alguns estudos importantes, alguns até pioneiros – que a sociedade brasileira apresenta uma forte mobilidade social. As pessoas mudam de posição na sociedade. Pois bem, os dados preliminares indicam que essa mudança continua e até se acelera. Isto é o melhor sinal de que a sociedade está se democratizando e está avançando. Isso é fundamental. É através da educação que se consegue, mais rapidamente do que através de outros mecanismos, a continuidade desse processo e, portanto, que a democracia se torne alguma coisa concreta, real, na vida cotidiana, e não palavra de ordem, porque, aí, nós “mudamos o mundo” com um discurso, é tão fácil, meu Deus! Até para quem gosta de falar, como é o caso dos que aqui falaram, menos eu, é facilímo mudar o mundo. Mas mudar o mundo pouco a pouco, com as resistências, com as dificuldades, com os bolsões de miséria, com as desigualdades regionais, com a deficiência de professores, com a necessidade de treiná-los melhor, de colocar instrumentos modernos de computação para que as pessoas sejam treinadas, tudo isso demanda muito esforço e muita motivação. E é o que está em marcha.

Ao modificarmos – como agora se está fazendo – ou começarmos a acelerar as modificações no ensino profissionalizante, a própria concepção dele, eu acredito que nós estamos dando passos concretos na direção daquilo que nós todos, não só brasileiros, mas latino-americanos, queremos, que é uma sociedade mais igualitária.

É preciso que nós não nos esqueçamos nunca de que, embora seja evidente que as transformações econômicas que estão ocorrendo são irreversíveis – e não adianta fechar os olhos às realidades do mundo –, isso não significa que nós devamos perder os nossos valores fundamentais. E uma sociedade só é boa quando é mais igualitária. E ela só é mais igualitária quando as pessoas têm acesso à educação e ao trabalho. É fundamental, portanto, que o Brasil entenda que, se é verdade – e hoje mesmo, pela manhã, discutimos isso – que as estabilizações das economias são passos fundamentais, sem os quais nada muda, não são suficientes. É uma ilusão imaginar que um pode avançar sem o outro.

Nós levamos anos patinando na inflação, no populismo, no desmando, no grevismo, em tudo que era habitual na nossa vida, nas últimas décadas. Anos. E não se conseguia equacionar um problema de forma estável, séria, que tivesse consequência. Nem um problema. Agora se começa a equacionar. Só foi possível modificar, realmente, as bases da questão do ensino no Brasil porque foi possível começar a ter uma visão de mais longo prazo. Porque o Estado brasileiro estava esfarrapado, como uma peneira, furado, cheio de ralos por onde os recursos iam embora – pior do que isso: com incapacidade de governar, incapacidade não derivada do fato de as pessoas que estavam ocupando os cargos não serem individualmente capazes, mas pelo fato de que o processo econômico e inflacionário desmoralizava tudo, impedia o cálculo e impedia que houvesse, sequer, a possibilidade de se saber o dia de amanhã. Só com a reorganização do Estado brasileiro, que é o que nós estamos fazendo, é que se começa, realmente, a ter políticas públicas que possam ter consequências de médio e de longo prazo.

Junto com esse processo, e isso se faz com muita clareza, na área da educação, nós estamos, ao refazer o Estado – e não ao diminuí-lo –, para que ele seja mais eficiente, nós estamos, também, descentralizando, poderosamente, os recursos do Estado brasileiro.

Portanto, nós estamos transferindo poder. No passado, junto com a inflação, havia uma imensa centralização de poder. Eu fui Ministro da Fazenda na época da inflação. Aqui, alguns trabalharam comigo. Naquela época havia um só poder: era o do cofre, era o do Tesouro. Os

outros todos dependiam da pressão política, da boa vontade – ou sabe Deus do quê – para liberação de verbas. As verbas se esvaziavam, com o decorrer do tempo. E a concentração desse poder era imensa.

Hoje, nós transferimos poder, porque estamos transferindo recursos direto aos municípios, aos estados. Estamos criando uma nova mentalidade, pela qual a ação pública não é a ação de Brasília: é a ação do Brasil, que se deriva em toda parte, neste imenso continente, que é o nosso país, e depende, crescentemente, da capacidade gerencial, motivadora, e da competência dos poderes locais.

Mas há uma novidade. Primeiro, que esses poderes também estão avançando. A sociedade está aberta – essa é a novidade. E, hoje, é simbólico que aqui se assinem convênios com centrais sindicais, com a CUT e com a CGT – e já vou falar da Força Sindical, senão daqui a pouco vamos ter dor de cabeça. Mas é uma competição saudável, para que todos participem disso. É importante que haja essa abertura, para que se veja que o Governo Central faz convênios com estados, com municípios, com as centrais sindicais, com segmentos da sociedade civil.

Não há outro modo de mudar o Brasil. E não se pode mudar o Brasil com a miopia de pensar que é possível controlar no plano central, nem com a miopia de pensar que é possível controlar com um só partido ou com um grupo contra outros, com um segmento contra outro. Não dá. É preciso ter uma visão mais larga, uma visão mais generosa, para corresponder às necessidades do nosso povo.

Senhor Presidente Iglesias, Vossa Excelência assistiu, aqui, a uma cerimônia que, simbolicamente, mostra esse novo espírito do Brasil. E, como eu não o faço há algum tempo, quero cumprimentar o Ministro Paulo Renato pelo empenho no setor da educação e aqueles que colaboram com ele, que são anônimos para mim; e esses milhares de pessoas que, hoje, estão envolvidos nesse processo educacional.

Devo dizer, para concluir, que assisti a um programa – como se chama agora? *Making of*; até aqui se fala inglês, agora, nessas coisas –, ao *making of* do programa Toda Criança na Escola. Eu gostaria que todos os brasileiros e todas as brasileiras vissem, na televisão, o que foi a preparação desse programa, o grau de envolvimento emocional, de mo-

tivação, de dedicação, não apenas dos que programaram, lá em cima, mas do conjunto de funcionários, funcionários de todos os níveis, dos mais humildes aos mais competentes técnicos, como se motivaram, porque estavam vendo que ali se fazia alguma coisa séria, que não era demagogia. É porque nós estamos conscientes de que sem educação não há nação democrática, não há igualdade, não há progresso. E, por isso mesmo, nós estamos lançados, de corpo e alma, num esforço para melhorar a educação no Brasil.

Muito obrigado.